

VERGÍLIO FERREIRA E Jean-Paul Sartre em diálogo: estudo comparativo dos romances *Mudança, Aparição e La nausée*

Barbara dos Santos

Vergílio Ferreira aparece como sendo um autor que marcou de forma definitiva a literatura portuguesa do século XX. De fato, este escritor-filósofo participou ativamente nos problemas da sua época, denunciando por vezes um sistema social que estagnou e que ignorou as principais necessidades do ser humano. A preocupação com a realidade social e o questionamento existencial constituem duas vertentes fulcrais da sua obra, que, para alguns críticos literários, determinam duas fases da obra desse autor: uma fase neorrealista e uma fase existencialista. Se através da sua obra neorrealista descobrimos um autor que tenta denunciar um sistema de valores sociais muitas vezes determinante na existência do ser humano, observamos que o seu percurso se vai cada vez mais focalizando em preocupações centradas em torno do indivíduo.

Um dos principais objetivos de nosso trabalho é tentar esclarecer a posição de Vergílio Ferreira perante esta filosofia que foi uma das mais importantes do século XX. Para realizar este estudo preferimos concentrar-nos na relação que este autor manteve com ela, particularmente com o existencialismo francês. Vergílio Ferreira sempre afirmou a sua ligação com a literatura europeia, principalmente com a literatura francesa, e é por esta razão que tentaremos pôr em realce os eventuais contatos que o autor manteve

com o existencialismo francês, particularmente com Jean-Paul Sartre, um dos seus mais importantes mentores. Por conseguinte, adotamos neste trabalho uma perspectiva comparativa com o intuito de evidenciar o tipo de diálogo filosófico que pode ser instaurado entre esses autores e suas respectivas obras.

O nosso estudo comparativo será principalmente baseado na leitura das obras *Mudança*, *Aparição* e *La nausée*. Se a evolução do ponto de vista filosófico aparece claramente entre as obras *Mudança* e *Aparição*, o romance *La nausée*, obra-tese da filosofia sartriana, permitirá um sólido ponto de comparação.

A obra *Mudança*(1949), de Vergílio Ferreira, aparece antes de tudo como fazendo parte do movimento Neorrealista. Este movimento, cuja ideologia está centrada em torno da “consciência social”, trata de temas ligados à condição econômica da sociedade, aos conflitos sociais, denunciando também os problemas da oposição entre o progresso industrial e o regionalismo, problemas que ainda poderíamos classificar como contemporâneos. Os escritores neorrealistas apontaram então para fenômenos históricos muito importantes, tais como a crise econômica do final dos anos 1920, acontecimentos políticos ideológicos como a implantação de regimes totalitários (nazismo, fascismo, franquismo e salazarismo) e como a Segunda Guerra Mundial; e escolheram a narrativa como a forma mais adequada à representação estética.

Compreendemos claramente que *Mudança* seja considerada como uma obra neorrealista visto que a sua narrativa enquadra perfeitamente vários aspectos que acabamos de apresentar, isto é, tanto em nível da descrição de uma situação socioeconômica instável, como em nível da valorização de personagens de clara incidência socioeconômica.

A obra *Mudança* contém uma narrativa que remete às dificuldades que encontrou a sociedade portuguesa durante a crise de 1929, dificuldades principalmente ilustradas pela sua personagem principal, Carlos Bruno. A instabilidade econômica da sociedade provoca a perda da fortuna do pai de Carlos e enriquece a família de Berta, sua esposa. Assistimos a uma inversão social que perturba profundamente o protagonista, e que o conduz a uma reflexão profunda sobre os valores da sociedade, ou melhor, sobre os valores da consciência social. Assistimos à evolução negativa do casal, assim como ao estabelecimento duma nova rede de amizades do protagonista, levando-o a novas interrogações filosóficas.

A reflexão neorrealista, baseada na reflexão sobre a sociedade e a consciência moral, aparece como uma ponte para uma reflexão sobre o ser e a sua individualidade dentro desta mesma sociedade. Compreendemos então a lógica na qual a transição do movimento Neorrealista se fez para o movimento Existencialista. *Mudança* aparece antes de tudo como sendo uma obra de transição. Embora enraizada na estética

neorrealista, ela apresenta elementos que anunciam a evolução de Vergílio Ferreira para uma perspectiva próxima do existencialismo.

Discutiremos as relações de contato entre a obra vergiliana e a de Sartre, buscando precisar a singularidade do diálogo intertextual que o autor português inaugura com o pensamento sartriano, a maneira como ele rearticula, transpõe e (re)significa a perspectiva existencialista que marcou profundamente o seu tempo.

Vergílio Ferreira caracteriza-se por ser um autor ativo, sempre aberto a novas ideias, um homem do seu tempo, capaz de dialogar com as ideias que circulavam na época. A este propósito, eis o que diz Ferreira de Brito:

Vergílio Ferreira — honra lhe seja! — nunca foi um homem de correntes. Ele soube detectar, às vezes com muita antecipação, as grandes linhas ideológicas e estéticas que pairavam na Europa do seu tempo e em França de modo muito particular.

E acrescenta:

Ora Vergílio Ferreira nunca escondeu os seus múltiplos contatos com esta problemática, focalizando-a em torno dos núcleos filosóficos do Existencialismo e do Estruturalismo. De modo muito mais intenso e profundo no que respeita ao Existencialismo — que teria estado na origem da inflexão que a crítica no seu romance simbolicamente intitulado *Mudança*, em 1949, em que a reflexão existencial e a observação sociológica se combinam numa síntese muito conseguida. O filtro subjectivista de Vergílio Ferreira opera uma visão sempre muito pessoal “num céu metafísica e religiosamente deserto”, na bela expressão de Eduardo Lourenço.¹

A relação de contato de Vergílio Ferreira com o Existencialismo sendo clara, interessar-nos-emos aqui principalmente pelo grau de contato que este autor deixa transparecer na sua obra, procurando ver como, num contexto histórico e social bem definido, mantém uma ambiguidade intensa em relação à sua obra, o que faz dele um autor original.

Começemos o estudo da obra *Mudança* pelo seu título tão significativo. Na verdade, a “mudança” surge como o tema principal desta obra: mudança social (crise de 1939), mudança do ser humano (evolução negativa do casal Carlos-Berta, assim como as personagens que as rodeiam), mudança psicológica (alteração do modo de pensar de Carlos), para acabar simbolicamente pela mudança do próprio estilo de romance como o sublinhou Eduardo Lourenço no seu prefácio.

É de notar que Carlos Bruno já aparece nesta obra como uma personagem existencialista e não como uma personagem ilustrativa de uma dada situação histórica

ou social. Esta personagem oferece dois aspectos indissociáveis à “mudança”, isto é, por um lado, uma personagem neorrealista cuja consciência social faz com que ele sofra de injustiças evidentes, e por outro, uma personagem cuja consciência existencialista o leva a interrogar-se sobre o valor do comportamento humano e da sua condição. A passagem de uma consciência fundamentalmente social para uma consciência existencialista faz-se, simplesmente, orientando uma visão da sociedade em geral para uma perspectiva do homem dentro desta sociedade. O homem faz parte de um todo, de uma coletividade mas encontra-se só perante ela. Assistimos a uma divisão do ser, a um confronto entre consciência individual e consciência social.

Este confronto aponta então para o tema da solidão que é recorrente e importante ao longo da obra. Encontramos frases curtas mas intensas, típicas da obra de Vergílio Ferreira:

Pela tarde esta só.²

Só.³

Ninguém à espera. As férias judiciais estavam prontas, dois meses de folga bastavam para a discórdia do conselho tecer uma questão. Mas ninguém à espera. [...] Tombou para a secretária, acendeu um cigarro sem ideias, só fumo.⁴

Trata-se de um exemplo típico da temática existencialista, isto é, a solidão do ser humano. Esta solidão, associada ao ato de pensar, faz parte da sua condição. Assistimos aqui à formação do herói existencialista que se interroga sobre a consciência do ser humano, sobre o “eu” como ser pensante. De fato, Carlos tenta compreender a sociedade que o rodeia para finalmente exprimir uma vontade de atingir um conhecimento sobre o ser humano. Constata-se dessa forma a aparição de elementos que fundamentam a filosofia existencialista, isto é, a necessidade de ação:

Agir e saber. O impulso era igual ao pensar, as vísceras reconheciam-se à face do cérebro e do coração. Com efeito, uma nova força humana empolgava-o. Via-se concretamente no seu tempo, trabalhando, vivendo. A história vergara na dura encosta, agora atingira a planura. Carlos trepava ao cume, vivia a sua hora.⁵

Carlos chega à conclusão da necessidade do ato. “Agir” está ligado ao conceito de “saber”, ou seja, o conhecimento e a própria personalidade do ser encontram-se representados pela ação. O conceito de tempo também se manifesta aqui, pois o ato concretiza-se através do tempo, e é através desta rede complexa que o ser vai marcando a sua vida. O conceito de ato como concretização do ser está presente ao longo desta obra, e aparece como um fio condutor:

Pensar, agir. Acabar de revelar pela ação a evidência de uma ideia. Vencer a distância infinita que vai da convicção da inteligência à convicção do coração. [...] Alguma coisa, porém — pensá-lo-ia mais tarde — , germinava aí de excessivo que se bastava a si próprio: a cólera, o amor, o orgulho tinham uma voz autônoma, depressa se reinventavam a si mesmos sobre os mais miseráveis restos de pretextos. Talvez que antes e depois do homem estivesse inevitavelmente o animal...⁶

Trata-se aqui de mostrar a necessidade da ação, e para isto de vencer “a convicção do coração”, ou seja, conseguir agir segundo o raciocínio e não o sentimento.

A ação aparece como algo necessário para dar sentido à vida de cada um. Mais uma vez, a relação com a temática existencial é evidente:

Sei que a tua vida é *tua*, ficará marcada com o que fizeres. Enquanto vives podes já julgarte, vendo-te do tempo em que já estiveres morto. Mas não sei como vais desprezar o teu juízo sobre ti, para depois de morto, *agora* enquanto estás vivo.⁷

A temática da morte está relacionada com a ação. O ser humano é capaz de se projetar no tempo e de ter consciência da sua morte. E é o fato de se conscientizar que o leva a agir, a tentar dar uma essência à sua existência, utilizando outrem como reflexo da sua própria existência. Encontramo-nos aqui plenamente perante a filosofia existencialista.

As relações que podem ser estabelecidas entre o pensamento vergiliano e a perspectiva existencialista aparecem claramente: um herói que se vive como um “eu” pensante, uma consciência da condição humana; uma procura da verdade que o leva à conclusão da necessidade de escolhas e de ação perante uma solidão angustiante.

No entanto, Vergílio Ferreira recusa-se a ser considerado como um autor da corrente existencialista:

Julgo que tal repercussão [existencialista], sem dúvida existente, se refere sobretudo a dados gerais, a um *tom*, e não propriamente a uma *temática*.⁸

De fato, só assistimos nesta obra a uma introdução da reflexão existencialista. No entanto, não podemos ignorar a semelhança dos conceitos presentes na obra de Vergílio Ferreira com conceitos utilizados por Jean-Paul Sartre em *L'existentialisme est un humanisme*. Por outro lado, esta relação de contato ainda se torna mais evidente quando conhecemos o longo prefácio que Vergílio Ferreira escreveu na sua tradução desta mesma obra de Sartre.

Não tentaremos estabelecer aqui uma relação de hierarquia entre estes dois autores, mas, simplesmente, pôr em realce a existência de temáticas coincidentes. Resta-nos

ainda concentrarmo-nos numa temática fundamental da obra de Vergílio Ferreira: a temática do tempo. Eduardo Lourenço sublinha a sua importância e o seu carácter angustiante na obra:

A trama ideológica de *Mudança*, por mais presente que nos apareça, surge-nos, enfim, com o seu autêntico perfil. É já quase espuma à flor da vaga resplandecente e tenebrosa da Existência. A única e obsessiva personagem de *Mudança*, como a epígrafe camoniana do romance sublinha, é o Tempo, de que a Morte mesma é abusiva solidificação.⁹

É através de Carlos que somos mais uma vez conduzidos a uma interrogação sobre o tempo existencial:

Que me importa morrer? Se nada depois negará a minha ação, se a minha ideia não morre, que pode morrer comigo? A paz será de mil anos. Depois de mil anos o mundo é uma ficção. A minha verdade é estável como o mundo.¹⁰

O tempo é algo concebido como infinito, mas, embora o ser humano tenha consciência da sua importância, a personagem considera o mundo durante a sua existência e pouco tempo depois da sua morte:

Ninguém o ouvia. Cada qual pensava como se o mundo não mudasse, como se a vida de cada um petrificasse para sempre. Sim, alguns falavam da morte. Mas apenas como se eternamente se vissem mortos *há pouco*. Era uma morte vizinha da vida, a espiá-la ainda, de olho atento.¹¹

De fato, a reflexão sobre o tempo está aqui interligada ao tema da morte. É vivendo no tempo psicológico, o momento presente, que se tem consciência da morte e da contingência da vida, ou seja, do absurdo da existência.

Torna-se importante notar que a problemática do tempo, como tempo psicológico e existencial, também se encontra em obras existencialistas. Trata-se de uma temática essencial no universo romanescos de Vergílio Ferreira. Em *Mudança*, assistimos à introdução dessa temática que tenderá a se desenvolver de maneira original na obra do autor.

No âmbito do nosso estudo, começaremos a parte comparativa das obras *Aparição* e *La nausée*, levantando as principais semelhanças que existem entre estas duas obras. Na verdade, aparece como uma evidência a evolução da temática existencialista desde *Mudança* à obra *Aparição*. A partir da comparação feita com *La nausée*, obra-tese da filosofia sartriana, tentaremos expor os elementos da filosofia existencialista presente

em *Aparição* e as ligações que podem ser feitas com a obra de Sartre, buscando precisar em que nível pode ser interpretada a rede de contatos entre estas obras.

Se *La nausée* aparece sob a forma de um diário e *Aparição* sob a forma de uma narrativa mais convencional, é de notar que a posição dos seus narradores envolvem vários pontos em comum. Na verdade, tanto Antoine Roquentin como Alberto Soares aparecem como os autores das suas respectivas obras. De fato, se Roquentin escreve o seu diário assiduamente, Alberto evoca no seu casarão de aldeia as suas recordações em Évora. Também é de notar que ambos aparecem como narradores e personagens principais, sendo cada um o eixo central das suas narrativas.

Por outro lado, as duas narrativas começam a partir de uma interrogação para a qual não encontram respostas. Roquentin sente uma mudança que provoca angústias e que não consegue explicar. Alberto, por sua vez, tem uma “aparição” que também o deixa angustiado e não encontra palavras para a definir. Se a escrita de *La nausée* aparece descontínua devido à sua estrutura de diário, a narrativa de Alberto também aparece num ritmo sequencialmente dividido devido às suas numerosas anacronias, tanto pelas analepses como pelas prolepses. Os dois narradores apresentam os acontecimentos a partir de uma focalização interna, ambos são livres para sublinhar o que lhes parece ser mais relevante.

Assim tanto Antoine como Alberto são personagens que se interrogam sobre questões filosóficas, mais precisamente existenciais, tentando, cada um à sua maneira, compreender a sua condição humana. De fato, ambos estão angustiados devido a interrogações que colocam a si próprios sobre a existência. Aliás, não é de admirar se vários críticos apontam para uma posição que leva a compará-los com o “cogito” cartesiano, devido às iluminações respectivas que cada um experimentou e que os levaram a querer descobrir uma verdade primeira, isto é, relacionada com a existência do ser humano.

Os dois narradores apresentam então outros pontos em comum, ou seja, uma maneira particular de se relacionar com as coisas e os seres humanos que os rodeiam. Trata-se de uma verdadeira interrogação sobre o mundo para melhor perceber quais são os valores essenciais para o ser humano e onde se situa a verdadeira problemática das suas posições. Assim, tentam, através da escrita, perceber o que se passa com eles. Ambos justificam assim a redação das suas narrativas, e se Antoine vê algo que o leva a ter a náusea, Alberto vê algo que o provoca. Ambos concordam com o fato de as palavras terem um poder inferior a esta visão, o exercício da escrita aparecendo como extremamente problemático.

Por conseguinte, não podemos ignorar este paralelismo que encontramos no início da obra e que levou vários críticos a considerar *Aparição* como uma espécie de

La nausée portuguesa. O próprio Vergílio Ferreira sublinha este ponto, manifestando a sua discordância:

Da analogia (que muitos veem) ou da não analogia (que eu vejo) entre *Aparição* e *A náusea*, já falei precisamente no artigo “O homem à sua face” (...) ou se propriamente não falei, disse o que podia servir a uma conclusão. Com efeito, em tal artigo, sugeri eu (suponho) que *Aparição* é uma anti-“*nausea*”.¹²

Não entraremos já nesta discussão. Constatemos por ora, a existência de uma polémica em torno do assunto e a posição defendida por Vergílio Ferreira. Continuaremos a nossa comparação que ainda se estende a vários outros aspectos para poder posteriormente posicionarmo-nos de maneira fundamentada.

O estudo de ambas as obras revelou o lugar central que a reflexão sobre o tempo ocupa nestes romances. As narrativas inauguram um movimento interior privilegiando a dimensão psicológica do tempo. É antes de tudo o tempo da reflexão que nos está exposto nestas obras, o tempo da reflexão assim como o da emoção. Como vimos, mais precisamente em *La nausée*, de modo também explícito em *Aparição*, trata-se principalmente do conceito de duração interna que nos é representado a partir da reflexão de cada narrador. Temos acesso a uma percepção do tempo interior que nos reenvia para uma percepção subjetiva do tempo e da sociedade. A duração interior é vista então como uma realidade do tempo existencial. Mas é de notar que ambos fazem uma distinção muito clara entre o tempo existencial e o tempo cronológico. Se Antoine nos indica de maneira precisa através do seu diário os dias e as horas da sua narração, Alberto, por sua vez, situa a sua narração durante o ano letivo do seu primeiro ano de ensino, assim como a sua posição de narrador que já tinha casado, estava aposentado... Trata-se de fazer uma distinção clara entre estas duas temporalidades, afirmando a realidade de cada uma delas.

Outro ponto essencial acerca da temporalidade existencial liga as duas personagens. Tanto Roquentin como Alberto Soares concordam quanto a um ponto: a concepção do tempo como um presente contínuo. Antoine Roquentin explica que o passado e o futuro estão no presente:

Je ne distingue plus le présent du futur et pourtant ça dure, ça se réalise peu à peu; la vieille avance dans la rue déserte; elle déplace ses gros souliers d’homme. C’est ça le temps, le temps tout nu, ça vient lentement à l’existence, ça se fait attendre et quand ça vient, on est écoeuré parce qu’on s’aperçoit que c’était déjà là depuis longtemps.¹³

Constatamos que a posição de Alberto se aproxima da de Roquentin pelo fato de que tudo passa pelo instante presente:

Mas o tempo não existe senão no instante em que estou. Que me é todo o passado senão o que posso ver nele do que me sinto, me sonho, me alegro ou me sucumbo? Que me é todo o futuro senão o que agora me projecto?... a vida do homem é cada instante — eternidade onde tudo se reabsorve... centro de irradiação para o sem fim de outrora e de amanhã.¹⁴

Os dois narradores concordam então num ponto determinante da sua visão do tempo, ou seja, o que diz respeito à noção de existência a partir de um instante presente e ainda à fatalidade da irreversibilidade do tempo. É de notar que cada um, a partir de sentimentos diferentes, tenta viver momentos “privilegiados”. Tanto Antoine, com o sentimento de aventura, como Alberto, com os momentos privilegiados, tentam viver momentos de plena existência. Assim, embora os dois protagonistas não partilhem exatamente a mesma posição em relação à concepção do tempo existencial, como veremos a seguir, é de notar que certos pontos continuam pertencendo à mesma temática existencial.

Por outro lado, Alberto e Antoine são representações da consciência do ser humano. Assim, os dois narradores apresentam-se principalmente como dois escritores que desejam esclarecer as suas situações. Ambos representam um “eu” como consciência ativa que deseja compreender a sua condição. Trata-se de narrativas subjetivas que desenvolvem a temática da percepção do ser humano. Também é de notar que são personagens solitárias (mais Antoine do que Alberto), cuja solidão permite uma reflexão mais profunda. Encontramos na reflexão de cada um elementos nitidamente comuns. De fato, se a filosofia de Sartre se baseia, em parte, na filosofia de Heidegger, e mais precisamente no seu “Dasein” (ser para a morte), como podemos ver com Roquentin e a sua relação com os mortos, é de notar que, em Vergílio Ferreira, as referências filosóficas sobre o mesmo ponto também estão presentes. Como salienta Nelly Novaes Coelho, *Aparição* está intimamente ligado ao “Dasein”:

Aparição é o romance onde Vergílio se debruça sobre o ser-em-si e projecta num plano vertical a sondagem da aventura humana. Seu herói, Alberto, busca o “eu” essencial (= sein) — aquele que se oculta sob a forma do existente (= dasein) e cuja verdade autêntica só é alcançada, como dissemos, numa súbita e fugaz “aparição” (ou é sentida com uma “presença no sangue”), porém jamais apreensível pelo conhecimento lógico-objectivo.¹⁵

Assim, constatamos que as reflexões destas duas personagens têm bases filosóficas em comum. Através do tema da percepção das coisas e de certas descrições que encontramos em ambas as obras, descobrimos que Heidegger não é a única base comum a

estas duas personagens. De fato, as descrições de tipo fenomenológico são frequentes. Também em *Aparição*, a presença deste tipo de descrição existe. Observamos que Roquentin tinha problemas ao nível da percepção das coisas. O seu sofrimento acentua-se na medida em que luta com as palavras para poder definir o que sente. No final da obra o protagonista chega à conclusão que esta modificação que se manifestava na sua relação com as coisas, não era outra senão a experiência da existência. Esta conclusão só foi possível através da visão, pois Antoine teve esta revelação à frente das raízes de uma árvore. A intencionalidade da fenomenologia de Husserl explica-se pelo fato de que o mundo é relativo à consciência. A semelhança com *Aparição* parece-nos evidente. Se Alberto se encontra numa situação semelhante a Roquentin é porque também não consegue utilizar as palavras para exprimir o que sente. E, como Roquentin, Alberto Soares defende a ideia de que é preciso ver a “aparição” para compreender do que se trata:

E então eu vi, eu *vi* abrir-se à nossa frente o dom da revelação.¹⁶

Por outro lado também não podemos nos esquecer da descrição que Alberto faz do seu rosto quando pela primeira vez se defronta com a “aparição” em frente ao espelho do seu quarto. Trata-se de uma descrição de tipo fenomenológico que representa assim a descoberta da existência.

Assim constatamos que ambas as obras têm numerosas semelhanças e que a base filosófica comum que lhes serve de sustentáculo determina o tipo de descrições feitas na própria narração.

Podemos acrescentar ainda que ambas as personagens não acreditam em Deus, e que preferem dar um sentido à sua existência fora dos valores cristãos nos quais já não podem acreditar mais.

O questionamento em relação à função da obra de arte e a importância que lhe é atribuída enquanto experiência plena e reveladora, é outro ponto que aproxima os dois romances. De fato, a arte aparece como essencial para ambos os narradores. Notamos que ambos têm uma grande admiração pela música, que aparece como uma solução, um remédio contra a náusea de Roquentin, uma luta contra a contingência da existência, uma forma de realidade da existência. Para Alberto, a música é uma forma de viver este tempo como testemunho da realidade humana. Não podemos ignorar a paixão pela arte manifestada por ambos.

Assim, as numerosas semelhanças apontam para uma ligação evidente entre estas duas obras. Se *Aparição* se caracteriza como uma obra existencialista, também é de notar que estas duas obras mantêm uma ligação evidente. Veremos as diferenças e quais os limites da relação de contato entre elas.

O estudo comparativo de obras literárias não se deve limitar apenas a apontar os aspectos semelhantes. Torna-se necessário também identificar as diferenças entre as obras para que se possa avaliar melhor a singularidade de cada autor. Nesse sentido, tentaremos afinar a nossa análise, identificando as mudanças e os pontos de divergência que se manifestam na reflexão filosófica e na criação literária de cada autor. Comparando os dois narradores-personagens, observamos que Antoine Roquentin aparece como um ser só, sem um passado existencial claramente exposto. Ele é antes de tudo uma representação de uma consciência pura, de um “eu” virgem e primário, sem sentimentos. É antes de tudo a sua pura subjetividade que nos guia no seu dia a dia, não a sua personalidade. Em contrapartida, Alberto Soares é-nos apresentado como um ser mais “humanizado”. Temos conhecimento do seu passado, da sua família, dos seus desgostos. Se Antoine é a representação de um “eu”, consciência ativa e reflexiva, Alberto também o é, mas como um ser integral cuja personalidade e cujas emoções fazem parte do seu dia a dia.

Por outro lado, no estudo comparativo entre os dois autores, é na reflexão sobre o tempo que encontramos a diferença mais importante. De fato, a estrutura das narrativas aparece como significativa do ponto de vista da representação do tempo. Se a narrativa de A. Roquentin é dividida pelos dias, a de A. Soares é-o pelas recordações. No entanto, observa-se que a espécie de prefácio e de posfácio dão ao romance uma forma circular, simbólica, apontando para uma circularidade existencial que o ser mantém com o seu passado e o seu futuro. Eis a diferença fundamental que se opera entre os dois autores. *La nausée* trata do problema da contingência da existência, como geradora de angústia e reveladora da existência; *Aparição* trata do tempo existencial englobando a noção da morte. É o confronto vida/morte que leva a personagem Alberto a experimentar a sua “aparição”; é a consciência do nada que o leva a querer determinar os limites da condição humana.

Assim, compreendemos que o presente existencial de Antoine não engloba as mesmas noções que encontramos no presente existencial de Alberto. Ambos se posicionam como ateus, mas Antoine vê aí a não justificação da existência, a contingência de um presente. Trata-se então de lutar contra esta contingência existencial ao dar um sentido à sua existência. É num presente constante que Roquentin vai desenvolvendo as suas reflexões, ignorando um passado que não pode justificar esta contingência. Por sua vez, Alberto vê através do seu presente o nada como fatalidade do ser humano. A sua reflexão baseia-se antes de tudo no confronto da vida e da morte, sem crenças religiosas para justificar esta morte. O passado aparece então aqui como algo que se integra ao presente.

Assim constatamos que, embora as angústias existenciais dos nossos protagonistas sejam semelhantes, elas têm origens diferentes, não se situam no mesmo plano. Se Alberto e Antoine aparecem como personagens angustiadas, não se trata do mesmo “pathos”. Por isso, constata-se que o sentimento de aventura de Roquentin está ligado à irreversibilidade do tempo; Alberto, por sua vez, tenta lutar contra o nada da existência querendo viver momentos perfeitos, de plena autenticidade, considerando a totalidade da existência.

Acrescentaremos a isto que Vergílio Ferreira, no prefácio que escreveu à obra de Sartre, *L'existentialisme est un humanisme*, delimita explicitamente a sua relação com a reflexão filosófica sartriana. De fato, ao longo deste estudo constatamos que Vergílio Ferreira impôs a sua posição filosófica ao analisar a de Sartre. Também é de notar que Vergílio Ferreira introduz neste mesmo prefácio uma análise de *La nausée* comparando este romance aos de André Malraux. Vergílio Ferreira chega a criticar certos aspectos que não deveriam ter sido ignorados por Sartre na sua filosofia:

Eis, pois, Sartre, e nós com ele, na procura sufocante de uma ordenação de vida. O que no-lo torna estranho muitas vezes é ter ele superado a aflição nessa forma aparentemente degradante do vicioso raciocínio. Porque este teorizador da “angústia” poucas vezes se angustia da sua obra. Da “náusea” primitiva, do mergulhar arrepiante na enxundiosa “sujidade”, no “viscoso” das coisas, a ascese sartriana opera-se pelo desencadear de um tenaz raciocínio que só para normalmente em plena contradição, que se resolve em sucessivos impasses de uma “ambiguidade” afirmada como tal e mal aceite como tal. E mais atrás desta máquina poderosa em que de uma a uma se trituram mil mistificações, uma dor não consentida assoma a um olhar atento, vibra nas confissões finais de um quase *echec* final, à hora do envelhecer. “Eu observo a severa disciplina do *cogito* cartesiano”... Sim. Mas nada acontece então *de fato* no domínio do indizível, do inquietante, esse que para um Jaspers te mereceu o rótulo de “charlatão”?¹⁷

Encontramos então um Vergílio Ferreira que aponta para a falta de emoção em Sartre e para as críticas que lhe foram feitas também por outros. Na verdade, se o autor do prefácio aparece por vezes como um grande admirador de Sartre, também aponta sem retenção para os elementos que considera falhos na obra e no pensamento sartrianos.

Tentamos apontar as diferenças fundamentais que existem entre estes dois autores, sobretudo no que diz respeito à reflexão filosófica. No entanto, não podemos ignorar as numerosas semelhanças que foram constatadas entre estas duas obras revelando uma relação evidente entre elas. Se Vergílio Ferreira afirmou várias vezes não ter sido influenciado por Sartre, afirma, outras vezes, a sua importância para ele:

Mas confesso que foi sobretudo a renovação temática proposta por um Sartre, Malraux, Camus, etc., que me interessou.¹⁸

Assim, no estudo das relações entre *Aparição* e *La nausée* procuramos analisar o tipo de diálogo que se estabelece entre as obras de maneira a realçar os pontos em comum sem, no entanto, esquecer o que constitui a singularidade de cada autor. Os temas existencialistas explorados e a posição ateia de Vergílio Ferreira estabelecem um verdadeiro diálogo de ideias com a obra de Sartre, como sugerem as palavras de Alberto na obra: “uma tese não se medita: fala-se, lê-se, discute-se” (p. 35). Trata-se aqui de um diálogo filosófico, um diálogo existencial. Ambos necessitam “ver” a existência. As semelhanças levantadas apontam, na verdade, para um verdadeiro desejo de Vergílio Ferreira de guiar a discussão para algo que não foi ainda proposto. O autor de *Aparição* integra o discurso de Roquentin para apontar na direção de uma outra forma de pensamento:

Assim, quando procuro em mim a face original da minha presença no mundo, o que descubro não é o alarme da evidência, o prodígio angustioso da minha condição: o que descubro quase sempre é a indiferença bruta das coisas.¹⁹

A temática existencial é retomada, acrescentando-lhe a nova temática proposta:

E todavia, agora que me descubro vivo, agora que me penso, me sinto, me projecto nesta noite de vento, de estrelas, agora que me sei desde uma distância infinita, me reconheço não limitado por nada mas presente a mim próprio como se fosse o próprio mundo que sou eu, agora nada entendo da minha contingência.²⁰

De fato, a comparação entre *Aparição* e *La nausée* demonstra que existe uma relação evidente entre estas duas obras. Relação que qualificaremos de dialógica. Na verdade, trata-se de um diálogo cultural, característico de uma época bem definida, uma sociedade na qual o Existencialismo inscreveu marcas profundas nas mentalidades.

Assim, constatamos que de *Mudança*, texto em que o narrador anuncia uma reflexão existencialista, levantando questões que coincidem com a de outros filósofos, a *Aparição*, romance em que o narrador se afirma como existencialista, mas discutindo e introduzindo sua própria visão do Existencialismo, assistimos ao total desenvolvimento da reflexão vergiliana. O escritor português soube dialogar com uma das grandes tendências do pensamento do século XX, com pertinência. Se *La nausée* está presente na obra de Vergílio Ferreira é porque se trata de um autor ativo, que sempre participou dos debates filosóficos e literários da sua época.

A evolução de *Mudança* para *Aparição* está, em consonância com o percurso filosófico do autor. Vimos que Carlos Bruno aparece como uma personagem que começa a refletir sobre o indivíduo e sobre a necessidade de dar um sentido à sua existência, sem no entanto partilhar a mesma posição de Alberto acerca da temporalidade. Para Carlos Bruno, o tempo era algo de exterior ao homem, algo que não conseguia dominar, tornando-se vítima das suas mudanças. A posição de Alberto já não é a mesma. Para Alberto, o tempo é parte integrante do ser humano; sem ele, o homem não existe. Constatamos então que a visão de Vergílio Ferreira se modificou, afirmando assim a sua originalidade. O ponto de vista da personagem vergiliana evoluiu no sentido duma descoberta filosófica, isto é, a noção do tempo como dependente do ser humano.

Assim, o diálogo entre *Aparição* e *La nausée* se alicerça, sobretudo, numa reflexão sobre a condição humana, sendo que a literatura aparece em ambas as obras como um modo de expressão essencial, como uma mediadora privilegiada para interrogar essa condição. *La nausée* e *Aparição* são extremamente ilustrativas de uma necessidade de reflexão acerca da existência e da importância do papel da literatura nesse processo.

Os paralelismos que tecemos entre estas duas obras tratam de temáticas e de conceitos semelhantes, próprios de uma época cheia de incertezas. Estas duas obras representam um diálogo cultural sem fronteiras em busca de uma verdade primeira, isto é, o conhecimento da condição humana. Resta-nos assistirmos ao debate e acompanharmos a reflexão que elas inauguram.



NOTAS

- 1 BRITO, Ferreira de. Vergílio Ferreira e o modelo cultural francês, p. 122-123.
- 2 FERREIRA, Vergílio, *Mudança*, p. 58.
- 3 Ibidem, p. 208.
- 4 Ibidem, p. 171.
- 5 Ibidem, p. 83.
- 6 Ibidem, p. 115.
- 7 Ibidem, p. 178.
- 8 PADRÃO, Maria da Glória, Vergílio Ferreira: um autor apresenta-se, p. 172.
- 9 LOURENÇO, Eduardo, Prefácio de *Mudança*, p. 24.
- 10 FERREIRA, Vergílio, *Mudança*, p. 142.
- 11 Ibidem, p. 180.
- 12 PADRÃO, Maria da Glória, Vergílio Ferreira: um escritor apresenta-se, p. 230.
- 13 SARTRE, Jean-Paul, *La nausée*, p. 53-54.
- 14 FERREIRA, Vergílio, *Aparição*, p. 273.

- 15 COELHO, Nelly Novaes. Vergílio Ferreira, ficcionista da condição humana, p. 255.
- 16 FERREIRA, Vergílio. *Aparição*, p. 40.
- 17 FERREIRA, Vergílio. Da fenomenologia a Sartre, p. 166.
- 18 PADRÃO, Maria da Glória. Vergílio Ferreira: um escritor apresenta-se, p. 223.
- 19 FERREIRA, Vergílio. *Aparição*, p. 49.
- 20 Ibidem, p. 50.

REFERÊNCIAS

- BRITO, Ferreira de. Vergílio Ferreira e o modelo cultural francês. In: FONSECA, Fernanda Irene (Org.). *Vergílio Ferreira, cinquenta anos de vida literária*. Actas do colóquio interdisciplinar. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 28, 29 e 30 de janeiro de 1993, p. 122-123.
- COELHO, Nelly Novaes. Vergílio Ferreira, ficcionista da condição humana. In: GODINHO, Hélder (Org. e pref.). *Estudos sobre Vergílio Ferreira*. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1982, p. 249-288.
- FERREIRA, Vergílio, *Aparição*. 1. ed. 1959. Lisboa: Bertrand Editora, 1994.
- FERREIRA, Vergílio. *Mudança*. 1. ed. 1949. Lisboa: Bertrand Editora, 1991.
- FERREIRA, Vergílio. *Da fenomenologia a Sartre* (prefácio), in SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Lisboa: Presença, 1978.
- LOURENÇO, Eduardo. Prefácio da obra *Mudança* de Vergílio Ferreira, Lisboa: Bertrand Editora, 1991.
- PADRÃO, Maria da Glória (Apresentação, prefácio e notas). *Vergílio Ferreira: um autor apresenta-se*. Biblioteca dos Autores Portugueses, Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1981.
- SARTRE, Jean-Paul, *La nausée*. Paris: Gallimard, 1938. Col. Folio.

Resumo

O presente artigo procura destacar a singularidade da obra vergiliana através de uma análise literária que se abre a uma perspectiva filosófica. De fato, a obra de Vergílio Ferreira iniciou-se numa fase neorealista para se abrir a uma segunda fase de matriz existencialista. Procuramos, aqui, perceber a evolução do pensamento deste grande escritor português do século XX, através do estudo das obras *Mudança* e *Aparição*. Esta análise é completada por uma comparação com a obra-tese de Jean-Paul Sartre, *La nausée*, de forma a pôr em realce a singularidade do pensamento desses dois autores-filósofos.

Palavras-chave: Existencialismo, Neorealismo, Literatura francesa, Literatura portuguesa, Século XX.

Résumé

Le présent article cherche à mettre en exergue la singularité de l'œuvre de Vergílio Ferreira à travers une analyse littéraire qui s'ouvre à une approche philosophique. En effet, l'œuvre de cet écrivain s'est initiée à partir du mouvement néo-réaliste au Portugal et à connu par la suite un tournant existencialiste. Nous chercherons donc, ici, à comprendre l'évolution de la pensée de ce grand

auteur portugais du XX^e siècle, à travers l'étude des œuvres *Mudança e Aparição*. Cette analyse sera complétée par une comparaison avec l'œuvre-thèse de Jean-Paul Sartre, *La nausée*, de manière à mettre en avant la singularité de la pensée de ses deux écrivains-philosophes.

Mots-clés: Existentialisme; Néo-réalisme; Littérature française; Littérature portugaise, XX e Siècle.



SANTOS, Barbara dos. Vergílio Ferreira e Jean-Paul Sartre em diálogo: estudo comparativo dos romances *Mudança, Aparição* e *La nausée*. *Légua & meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UEFS, A. 13, nº 6, 2014, p 119-134.

Barbara dos Santos é pesquisadora associada da Universidade de Rennes 2 onde lecionou no Departamento de Português e foi leitora do Instituto Camões. É autora de vários artigos sobre as literaturas africanas e portuguesa, e sobre as relações interculturais África/Brasil/Portugal, publicados no Brasil, nos Estados-Unidos, em França e em Portugal.